

a jaula do rei

victoria aveyard

Tradução de Teresa Martins Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

*Jamais duvidem de que são valiosas e poderosas
e merecedoras de toda e cada oportunidade no mundo
para perseguirem e alcançarem os vossos sonhos.*

— HRC



A

127

B

122

C

117

D

112

E

107

F

102

70

1

60

2

50

3

40

4

30

5

20

6

10

7

A

117

B

112

C

107

D

102

E

97

F

92

Rio Mizoura

Rio Paraiso

MONTFORT

Rio dos Canions

Os Portões Pintados

Ascendant

Vale

PRAIRIE

Rio Crane

Rio Arca

Vigia

Rio Mizoura

Horizon

Mizoura

Geminas

Damon

LAVIA

O Rio Grande

Rio Ilha

Sanctum

Memphis

Mizostium

Rapideso

Ilha de Res

Mar de

TERRAXES

Rio Grande

Rio Roja

Rio Cuatracastela

Rio Brazos

Rio Sabinas

Taurine

Lasmaderas



CAPÍTULO UM



Mare

Ponho-me de pé quando ele me deixa. A corrente sacode-me, puxando o colar aguçado em torno da minha garganta. As suas pontas cravam-se, não a ponto de fazer sangue — ainda não. Mas dos punhos já estou a sangrar. Feridas lentas, abertas ao longo de dias de inconsciente cativo presa a algemas ásperas e dilaceradoras. A cor mancha as minhas mangas brancas de carmesim-escuro e escarlate vivo, desbotando de sangue velho para novo num testemunho da minha provação. Para mostrar à corte de Maven o que já sofri.

Ele ergue-se acima de mim, a sua expressão indecifrável. As pontas da coroa do seu pai fazem-no parecer mais alto, como se o ferro lhe brotasse do crânio. Brilhantes, cada ponta uma chama retorcida de metal negro raia-do de bronze e prata. Foco-me no amargamente familiar objeto de forma a não ter de olhar Maven nos olhos. Mas ele leva-me a fazê-lo seja como for, puxando por outra corrente que não me é dado ver. Só sentir.

Uma mão branca envolve-me o pulso ferido, de certo modo gentil. Contra a minha vontade, os meus olhos chispam para o seu rosto, incapazes de se manterem desviados. O seu sorriso é tudo menos amável. Fino e afiado como uma lâmina, mordendo-me com quantos dentes tem. E os seus olhos são o pior de tudo. Os olhos dela, os olhos de Elara. Em tempos achei-os frios, feitos de gelo vivo. Agora sei melhor. Os fogos mais quentes ardem azuis, e os olhos dele não são exceção.

A sombra da flama. Ele está certamente inflamado, mas o negrume corrói-lhe as arestas. Borrões de negro e azul como hematomas rodeiam

os olhos raiados de veias prateadas. Ele não tem dormido. Está mais esguio do que me lembro, mais magro, mais cruel. O cabelo, negro como um abismo, chega-lhe às orelhas, encaracolando nas pontas, e as suas faces permanecem lisas. Por vezes esqueço-me de quão novo ele é. De quão novos somos ambos. Sob o meu vestido fluido, o *M* marcado na minha clavícula arde-me.

Maven vira-se rapidamente, a minha corrente bem apertada no seu punho cerrado, forçando-me a mover com ele. Uma lua a orbitar um planeta.

— Testemunhai esta prisioneira, esta vitória — diz ele, firmando os ombros para a vasta audiência diante de nós. Trezentos Prateados pelo menos, nobres e civis, guardas e oficiais. Estou dolorosamente consciente das Sentinelas na orla da minha visão, as suas vestes de fogo um constante lembrete da minha jaula que encolhe rapidamente. Os meus guardas Arven também nunca estão fora de vista, os seus uniformes brancos ofuscantes, a sua silenciadora aptidão sufocante. Porventura asfixiarei na pressão da sua presença.

A voz do rei ecoa por toda a opulenta expansão da Praça de César, reverberando através de uma multidão que responde da mesma forma. Deve haver microfones e altifalantes algures, para carregarem as amargas palavras do rei por toda a cidade, e sem dúvida pelo restante reino.

— Eis a líder da Guarda Escarlata, Mare Barrow. — A despeito da minha situação, quase bufo de escárnio. *Líder*. A morte da sua mãe não lhe cerceou as mentiras. — Uma assassina, uma terrorista, uma grande inimiga do nosso reino. E agora ajoelha diante de nós, com o seu sangue a nu.

A corrente dá novo solavanco, fazendo-me tombar para a frente, de braços esticados para me equilibrar. Reajo entorpecida, de olhos baixos. Tanto aparato. Raiva e vergonha insinuam-se através de mim quando me apercebo da extensão de danos que este simples ato exercerá sobre a Guarda Escarlata. Vermelhos por toda a Norta ver-me-ão dançar sob os cordelinhos de Maven e julgar-nos-ão fracos, derrotados, indignos da sua atenção, esforço ou esperança. Nada poderia estar mais longe da verdade. Mas eu não posso fazer coisa alguma, não agora, não aqui, postada no gume da navalha à mercê de Maven. Interrogo-me quanto a Corvium, a cidade militar que vimos a arder a caminho do Caldeirão. Houve um motim após a transmissão da minha mensagem. Terá sido o primeiro arquejo de revolução, ou o último? Não tenho forma de saber. E duvido que alguém se digne trazer-me um jornal.

Cal preveniu-me contra a ameaça de uma guerra civil há muito tempo, antes de o seu pai morrer, antes de ser deixado com nada mais que uma tempestuosa repariga-relâmpago. *Rebelião de ambos os lados*, disse ele. Mas aqui postada, presa por uma trela ante a corte de Maven e o seu reino Prateado, não vejo divisão. Mesmo tendo-lhes eu demonstrado, falado da prisão de Maven, dos seus entes queridos subtraídos, da sua confiança traída por um rei e sua mãe, continuo a ser a inimiga aqui. Dá-me vontade de gritar, mas eu sei. A voz de Maven soará sempre mais alto que a minha.

Estarão a Mamã e o Papá a assistir? A ideia traz uma renovada onda de pesar, e mordo com força o lábio para impedir mais lágrimas de caírem. Sei que há câmaras de vídeo nas proximidades, focadas no meu rosto. Mesmo conseguindo já não senti-las, sei-o. Maven não perderia a oportunidade de imortalizar a minha derrocada.

Estarão eles prestes a ver-me morrer?

O colar diz-me que não. Para quê dar-se ao trabalho deste espetáculo se vai simplesmente matar-me? Outro qualquer porventura sentiria alívio, mas as minhas entranhas gelam de medo. Ele não me matará. Não Maven. Sinto-o no seu toque. Os seus dedos compridos e pálidos ainda se agarram ao meu pulso, enquanto a outra mão continua a segurar-me a trela. Nem agora, que sou dolorosamente sua, ele me larga. Preferia a morte a esta jaula, à retorcida obsessão de um desvairado menino-rei.

Recordo as suas notas, cada uma terminando com o mesmo estranho lamento.

Até ao nosso reencontro.

Ele continua a falar, mas a sua voz embota-se na minha cabeça, o zumbido de um zângão que se aproxima de mais, deixando cada nervo em franja. Olho por sobre o ombro. Os meus olhos vagueiam através da multidão de cortesãos atrás de nós. Todos eles postados orgulhosos e vis no seu luto negro. O Senhor Volo, da Casa Samos, e o seu filho, Ptolemus, resplandecem nas suas polidas armaduras de ébano com escamadas faixas de prata do quadril ao ombro. À vista do segundo vejo escarlata, enfurecido vermelho. Luto contra o impulso de investir e rasgar a pele do rosto de Ptolemus. De trespassar-lhe o coração como ele fez ao meu irmão Shade. O desejo transparece e ele tem o desplante de sorrir maliciosamente para mim. Não fossem o colar e os silenciosos guardas restringindo tudo o que sou, desfazer-lhe-ia os ossos em vidro fumegante.

De algum modo a sua irmã, uma inimiga de tantos meses, não está a

olhar para mim. Evangeline, o seu vestido cravejado de cristal negro, é sempre a estrela resplandecente de tão violenta constelação. Suponho que não tardará a ser rainha, tendo suportado o noivado com Maven por demasiado tempo. O seu olhar está nas costas do rei, olhos escuros fixos com chamejante foco na sua nuca. Levanta-se uma brisa, agitando a sua lustrosa cortina de cabelo prateado, soprando-lho para trás dos ombros, mas ela não pestaneja. Só passado um longo momento parece dar por mim a fitá-la. E, mesmo então, os seus olhos mal tremulam na minha direção. Estão vazios de sentimento. Não sou já digna da sua atenção.

— Mare Barrow é uma prisioneira da coroa e enfrentará a coroa e o julgamento do conselho. Deverá responder pelos seus muitos crimes.

Com quê?, interrogo-me.

A multidão ruge em resposta, aclamando o seu decreto. São Prateados, mas «plebeus», não de descendência nobre. Enquanto eles se regozijam com as palavras de Maven, a sua corte não reage. De facto, alguns ficam lívidos, zangados, de rostos empedernidos. nenhuns mais do que a Casa Merandus, o seu traje de luto retalhado com o azul-escuro das miseráveis cores da rainha morta. Enquanto Evangeline não me prestou atenção, eles fixam-se no meu rosto com surpreendente intensidade. Olhos de um azul flamejante de todas as direções. Conto ouvir os seus sussurros na minha cabeça, uma dúzia de vozes escavando por mim adentro como vermes numa maçã podre. Em vez disso, apenas silêncio. Talvez os oficiais Arven que me ladeiam não sejam simples carcereiros, mas protetores também, suprimindo a minha aptidão bem como as de quem quer que as usasse contra mim. Ordens de Maven, depreendo. Ninguém mais me pode causar dano aqui.

Ninguém senão ele.

Mas tudo me dói já. Dói-me estar de pé, dói-me mexer-me, dói-me pensar. Do despenhar do jato, do sonador, do peso esmagador dos guardas silenciadores. E essas são meras feridas físicas. Contusões. Fraturas. Dores que sararão se lhes for dado tempo. O mesmo não se pode dizer do resto. O meu irmão está morto. Eu sou uma prisioneira. E não sei o que aconteceu realmente aos meus amigos, não obstante há muitos dias ter fechado este negócio do diabo. Cal, Kilorn, Cameron, os meus irmãos Bree e Tramy. Deixámo-los para trás na clareira, mas estavam feridos, imobilizados, vulneráveis. Maven poderia ter enviado fosse que número fosse de assassinos de volta para terminarem o que ele começara. Eu troquei-me por eles todos, e nem sequer sei se resultou.

Maven dir-me-ia se eu lhe perguntasse. Posso vê-lo no seu rosto. Os seus olhos dardejaram para os meus após cada abjeta frase, pontuando cada mentira representada para os seus adoradores súbditos. Para se assegurar de que estou a assistir, a prestar atenção, a olhar para ele. Como a criança que é.

Não lhe implorarei. Não aqui. Não assim. Tenho orgulho bastante para isso.

— A minha mãe e o meu pai morreram a lutar contra estes animais — prossegue ele. — Deram as suas vidas para manter este reino íntegro, para vos manter a salvo.

Derrotada como estou, não posso deixar de fulminar Maven com o olhar, respondendo ao seu fogo com um silvo. Ambos nos lembramos da morte do seu pai. Do seu assassinio. A Rainha Elara penetrou com os seus sussurros no cérebro de Cal, transformando o amado herdeiro real numa arma mortal. Maven e eu assistimos enquanto Cal era forçado a tornar-se no assassino de seu pai, decepando a cabeça do rei e qualquer hipótese que Cal tinha de governar. Tenho visto muitas coisas horríveis desde então, e a memória ainda me assombra.

Não recordo grande coisa do que aconteceu à rainha à saída da Prisão de Corros. O estado do seu corpo depois era prova suficiente do que desenfreados relâmpagos podem fazer à carne humana. Sei que a matei sem me questionar, sem remorso, sem arrependimento. A minha devastadora tempestade alimentada pela súbita morte de Shade. A última imagem clara que tenho da batalha de Corros é dele a cair, o coração trespassado pelo frio e implacável aço da agulha de Ptolemus. De algum modo Ptolemus escapou à minha raiva cega, mas não a rainha. Pelo menos o Coronel e eu assegurámo-nos de que o mundo saberia o que lhe tinha acontecido, exibindo o seu corpo durante a nossa transmissão.

Quem me dera que Maven tivesse parte da sua aptidão, de modo a poder olhar dentro da minha cabeça e ver exatamente que tipo de fim eu dei à sua mãe. Quero que ele sinta a dor da perda tão terrivelmente como eu.

Os seus olhos estão postos em mim enquanto finaliza o seu discurso memorizado, uma mão estendida para diante para melhor exibir a corrente que me prende a ele. Tudo o que ele faz é metódico, representado para uma imagem.

— Eu comprometo-me a fazer o mesmo, a pôr fim à Guarda Escarlate e a monstros como Mare Barrow, ou a morrer tentando.

Morre, então, quero gritar.

O rugido da multidão abafa-me os pensamentos. Centenas aclamam o seu rei e a sua tirania. Chorei na travessia a pé da ponte, perante tantos culpando-me pelas mortes dos seus entes queridos. Ainda posso sentir as lágrimas a secarem nas faces. Agora quero chorar de novo, não de tristeza, mas de raiva. Como podem eles acreditar nisto? Como podem engolir estas mentiras?

Como uma boneca, sou tirada de vista. Com as últimas forças que me restam, estico o pescoço por sobre o ombro, à caça das câmaras, dos olhos do mundo. *Vejam-me*, imploro. *Vejam como ele mente*. O meu maxilar contrai-se, os olhos semicerram-se, pintando o que rogo ser uma imagem de resiliência, rebelião e raiva. *Eu sou a rapariga-relâmpago*. *Eu sou uma tempestade*. Sinto-o como uma mentira. A rapariga-relâmpago morreu.

Mas é a última coisa que posso fazer pela causa e pelas pessoas que amo que ainda lá estão. Não me verão cambaleiar neste momento final. Não, manter-me-ei de pé. E embora não faça ideia como, tenho de continuar a lutar, aqui mesmo no bucho da besta.

Outro puxão força-me a girar para enfrentar a corte. Frios Prateados fitam-me de volta, a sua pele matizada de azul e negro e púrpura e cinzento, descorada de vida, com veias de aço e diamante em vez de sangue. Focam-se não em mim mas no próprio Maven. Neles encontro a minha resposta. Neles vejo fome.

Por uma fração de segundo apiedo-me do menino-rei, só no seu trono. Então, lá bem no fundo, sinto o alento instigador da esperança.

Oh, Maven. Em que desgraça estás metido.

Apenas me posso perguntar quem atacará primeiro.

A Guarda Escarlata ou os senhores e senhoras prontos a cortar a garganta de Maven e a tomar tudo pelo que a sua mãe morreu.

Ele entrega a minha trela a um dos Arven assim que nos escapamos pelos degraus do Fogo Branco, recolhendo-nos dentro do vasto átrio de entrada do palácio. Estranho. Ele estava tão fixado em ter-me de volta, em pôr-me na sua jaula, mas larga as minhas correntes sem um olhar sequer. *Cobarde*, digo para comigo própria. Ele não consegue olhar para mim quando não se trata de dar espetáculo.

— Mantiveste a tua promessa? — clamo, sem fôlego. A minha voz soa rouca pelos dias de falta de uso. — És um homem de palavra?

Ele não responde.

O resto da corte já aí vem atrás de nós. As suas linhas e fileiras estão bem ensaiadas, baseadas nas intrincadas complexidades de estatuto e classe. Só eu estou deslocada, a primeira a seguir o rei, caminhando alguns passos atrás no lugar onde deveria estar uma rainha. Não poderia estar mais longe do título.

Olho de relance para o maior dos meus carcereiros, na esperança de ver nele algo mais que lealdade cega. Enverga um uniforme branco, espesso, à prova de bala, com fecho de correr bem apertado até à garganta. Luvas brilhantes. Não de seda, mas plástico — borracha. Encolho-me à visão. A despeito da sua aptidão silenciadora, os Arven não correrão quaisquer riscos comigo. Mesmo que eu logre fazer escapar uma faísca à sua constante investida, as luvas proteger-lhes-ão as mãos e permitir-lhes-ão manterem-me presa pela coleira, acorrentada e enjaulada. O Arven grandalhão não cruza o olhar comigo, os olhos focados adiante e os lábios franzidos de concentração. O outro é exatamente igual, ladeando-me em compasso perfeito com o seu irmão ou primo. Os seus crânios nus reluzem, e lembro-me de Lucas Samos. O meu amável guarda, meu amigo, que foi executado por eu existir, e por eu o usar. Tive sorte então, por Cal me ter dado um Prateado tão decente para me manter prisioneira. E, constato, tenho sorte agora. Guardas indiferentes ser-me-ão mais fáceis de matar.

Porque eles têm de morrer. Seja como for. Seja de que forma for. Se é que vou escapar, se é que quero recuperar os meus relâmpagos, eles são os primeiros obstáculos a superar. Os restantes são fáceis de adivinhar. As Sentinelas de Maven, os outros guardas e oficiais colocados por todo o palácio, e claro está o próprio Maven. Não sairei deste lugar a menos que deixe para trás o seu cadáver — ou o meu.

Penso em matá-lo. Envolver-lhe o pescoço com a minha corrente e espremer-lhe a vida do corpo. Isso ajuda-me a ignorar o facto de que cada passo me faz penetrar mais fundo no palácio, passando por sobre mármore branco, para lá de elevadas paredes douradas, sob uma dúzia de candelabros com lâmpadas de cristal esculpidas em forma de chamas. Tão belo e frio como eu o recordo. Uma prisão de trancas douradas e grades de diamante. Pelo menos não terei de encarar a sua mais violenta e perigosa guardiã. A velha rainha está morta. Ainda assim, sinto calafrios ao pensar nela. Elara Merandus. A sua sombra paira como um fantasma na minha cabeça. Em tempos esventrou todas as minhas memórias. Agora é uma delas.

Uma figura couraçada interpõe-se na minha visão, contornando os

meus guardas para se plantar entre o rei e eu. Anda a compasso conosco, um persistente guardião, embora não envergue as vestes ou a máscara de uma Sentinela. Suponho que saiba que estou a pensar estrangular Maven. Mordo o lábio, preparando-me para a aguda ferroada de um assalto de *whisper*¹.

Mas não, ele não é da Casa Merandus. A sua armadura é de um negro de obsidiana, o cabelo prateado, a pele branca de luar. E os olhos, quando olha por sobre o ombro para mim, são vazios e negros.

Ptolemus.

Invisto de dentes arreganhados, sem saber o que faço, sem querer saber. Desde que deixe a minha marca. Interrogo-me se o sangue Prateado terá um sabor diferente do Vermelho.

Não chego a descobri-lo.

O meu colar retesa-se bruscamente para trás, puxando-me com tal violência que a minha espinha se arqueia e caio desamparada no chão. Um pouco mais de força e teria partido o pescoço. A pancada de mármore contra osso faz o mundo rodopiar, mas não o bastante para me manter por terra. Levanto-me atabalhoada, a minha visão estreitando-se para as pernas couraçadas de Ptolemus, que se vira agora para me encarar. De novo invisto contra elas e de novo o colar me puxa para trás.

— Chega disto — silva Maven.

Ergue-se acima de mim, estacando para observar as minhas pobres tentativas de me vingar de Ptolemus. O resto do cortejo parou também, muitos chegando-se à frente para ver a retorcida ratazana Vermelha lutar em vão.

O colar parece apertar-se, e eu engulo em seco contra ele, levando as mãos à garganta.

Maven mantém os olhos no metal que se retrai. — Evangeline, eu disse que chega.

A despeito da dor, viro-me para dar com ela nas minhas costas, um punho cerrado no flanco. Como ele, tem os olhos fixos no meu colar. Este pulsa enquanto se move. Deve bater em unísono com o pulsar do coração dela.

— Deixe-me soltá-la — diz, e eu interrogo-me se terei ouvido mal. — Deixe-me soltá-la aqui mesmo. Dispense os guardas e eu matá-la-ei, com relâmpagos e tudo.

Rosno-lhe, toda eu a fera que me julgam. — Tenta só — digo-lhe, desejando de todo o coração que Maven aceda. Mesmo com as minhas feridas,

¹ Sussurro. (N. da T.)

os meus dias de silêncio e os meus anos de inferioridade relativamente à rapariga *magnetron*, quero o que ela oferece. Derrotei-a antes. Posso fazê-lo de novo. É uma oportunidade, pelo menos. Uma oportunidade melhor do que alguma vez poderia esperar.

Os olhos de Maven dardejaram do meu colar para a sua noiva, o seu rosto assumindo uma fechada e cauterizante carranca. Vejo nele tanto da sua mãe... — Está a questionar as ordens do seu rei, Senhora Evangeline?

Os dentes dela lampejam por entre uns lábios pintados de púrpura. A sua capa de cortesã ameaça tombar por terra, mas antes que possa dizer algo verdadeiramente condenável, o seu pai muda impercetivelmente de posição, o braço roçando o dela. A sua mensagem é clara: *Obedece*.

— Não — rosna ela, querendo dizer *sim*. O seu pescoço curva-se, inclinando a cabeça. — Vossa Majestade.

O colar dá de si, alargando novamente ao tamanho do meu pescoço. Porventura até mais lasso que antes. Pequena bênção que Evangeline não seja tão meticulosa como anseia parecer.

— Mare Barrow é uma prisioneira da coroa, e a coroa fará com ela o que bem entender — diz Maven, a sua voz soando para lá da sua volátil noiva. Os seus olhos varrem o resto da corte, tornando claras as suas intenções. — A morte é boa de mais para ela.

Um murmúrio baixo alastra através dos nobres. Oíço tons de oposição, mas ainda mais de concordância. *Estranho*. Julguei que todos eles me quisessem executada da pior forma, suspensa para alimento de abutres e corrosão de qualquer terreno que a Guarda Escarlata tivesse ganhado. Mas suponho que querem piores destinos para mim.

Piores destinos.

Foi o que Jon disse antes. Quando vimos o que me reservava o futuro, onde levava o meu caminho. Ele sabia que isto vinha aí. Sabia, e disse ao rei. Comprou um lugar ao lado de Maven com a vida do meu irmão e a minha liberdade.

Descubro Jon postado na multidão, mantido ao largo pelos circunstâncias. Os seus olhos estão vermelhos, lívidos; o cabelo prematuramente grisalho e atado num apertado rabicho. Outro sanguenovo de estimação para Maven Calore, só que este não tem correntes que eu veja. Porque ele ajudou Maven a deter a nossa missão de salvamento de uma legião de crianças antes que pudesse sequer começar. Disse a Maven os nossos caminhos e o nosso futuro. Embrulhou-me como um presente para o menino-rei. Traiu-nos a todos.

Jon está de olhos fitos em mim, claro. Não espero um pedido de desculpas pelo que fez, e não o recebo.

— E que tal um interrogatório?

Uma voz que não reconheço soa à minha esquerda. Ainda assim, conheço-lhe o rosto.

Samson Merandus. Um lutador de arena, um feroz *whisper*, um primo da rainha morta. Abre caminho na minha direção, e não consigo evitar retrair-me. Numa outra vida vi-o fazer o seu oponente na arena apunhalar-se até à morte. Kilorn estava sentado ao meu lado a assistir, aclamando, gozando as suas últimas horas de liberdade. Então o seu mestre morreu e todo o nosso mundo se alterou. Os nossos caminhos mudaram. E agora estou esparramada sobre imaculado mármore, fria e sangrando, menos que um cão aos pés de um rei.

— É ela boa de mais para ser interrogada, Vossa Majestade? — continua Samson, apontando uma mão branca na minha direção. Pega-me pelo queixo, forçando-me a olhar para cima. Luto contra o impulso de mordê-lo. Não preciso dar a Evangeline outra desculpa para me asfixiar. — Pense no que ela viu. No que sabe. É líder deles... e a chave para desvelar a sua ignóbil laia.

Está enganado, mas o coração martela-me ainda assim no peito. Sei o suficiente para provocar grandes danos. Tuck lampeja-me diante dos olhos, bem como o Coronel e os gémeos de Montfort. A infiltração das legiões. As cidades. Os Whistles² por todo o país, agora transportando refugiados para lugar seguro. Preciosos segredos cuidadosamente guardados, e que não tardarão a ser revelados. Quantos porá o meu conhecimento em perigo? Quantos morrerão quando eles me abrirem à força?

E isso é apenas inteligência militar. Pior ainda são as partes obscuras da minha própria mente. Os recessos onde mantenho os meus piores demónios. Maven é um deles. O príncipe que eu recordei e amei e desejei que fosse real. Depois há Cal. O que eu fiz para o conservar, o que ignorei, e que mentiras digo a mim mesma quanto às suas fidelidades. A minha vergonha e os meus erros consomem, corroem-me pelas raízes. Não posso deixar Samson — ou Maven — ver tais coisas dentro de mim.

Por favor, quero implorar. Os meus lábios não se mexem. Por muito que odeie Maven, por muito que o queira ver sofrer, sei que ele é a minha melhor hipótese. Mas suplicar misericórdia diante dos seus mais fortes aliados e piores inimigos apenas enfraquecerá um rei já fraco. De modo que

² Assobios. A alcunha dos contrabandistas da Guarda Vermelha. (N. da T.)

me mantenho calada, tentando ignorar a mão de Samson a agarrar-me o maxilar, focando-me apenas no rosto de Maven.

Os seus olhos buscam os meus por um longuíssimo e curtíssimo momento.

— Têm as vossas ordens — diz bruscamente, assentindo para os meus guardas.

Eles agarram-me com firmeza mas sem magoar ao porem-me de pé, usando mãos e correntes para me guiarem para fora da multidão. Deixo-os todos para trás. Evangeline, Ptolemus, Samson e Maven.

Ele gira nos calcanhares, avançando na direção oposta, para a única coisa que lhe resta para o manter quente.

Um trono de flamas congeladas.

CAPÍTULO DOIS



Mare

Nunca estou sozinha. Os carcereiros não me largam. Sempre dois, sempre vigiando, sempre mantendo silenciado e suprimido o que sou. De nada mais precisam do que de uma porta trancada para fazerem de mim uma prisioneira. Não que me possa sequer aproximar da porta sem ser brutalmente trazida de volta para o centro do meu quarto. Eles são mais fortes do que eu, e eternamente vigilantes. O meu único ponto de escape aos seus olhos é a pequena casa de banho, uma divisão de azulejos brancos e acessórios dourados, com uma sinistra linha de Pedra Silenciosa ao longo do chão. São lajes cinza-pérola suficientes para me fazerem martelar a cabeça e contrair a garganta. Tenho de me despachar e fazer bom uso de cada estrangulador segundo. A sensação faz-me lembrar Cameron e a sua aptidão. Ela pode matar uma pessoa com a força do seu silêncio. Por muito que odeie a constante vigilância dos meus guardas, não arriscarei sufocar num chão de casa de banho por uns quantos minutos extra de paz.

Engraçado, dantes pensava que o meu maior medo era ser deixada sozinha. Agora estou tudo menos isso, mas nunca estive mais aterrorizada.

Não sinto os meus relâmpagos há quatro dias.

Cinco.

Seis.

Dezassete.

Trinta e um.

Gravo cada dia no rodapé junto da cama, usando um garfo para marcar o tempo que passa. Sabe bem deixar a minha marca, infligir a minha própria pequena lesão na prisão do Palácio de Fogo Branco. Os Arven não se ralam. Ignoram-me a maior parte do tempo, apenas focados num total e absoluto silêncio. Mantêm-se nos seus lugares junto da porta, sentados quais estátuas com olhos vivos.

Este não é o mesmo quarto em que dormi da última vez que estive no Fogo Branco. Obviamente não seria apropriado alojar uma prisioneira real no mesmo lugar de uma noiva real. Mas tão-pouco estou numa cela. A minha jaula é confortável e bem mobilada, com uma cama macia, uma estante cheia de enfadonhos tomos, algumas cadeiras, uma mesa onde comer, mesmo cortinas finas, tudo em tons neutros de cinzento, castanho e branco. Esvaído de cor, tal como os Arven me esvaem de poder.

Habituo-me lentamente a dormir sozinha, mas sou assolada por pesadelos sem Cal para os manter ao largo. Sem alguém que goste de mim. De cada vez que acordo, toco nos brincos que me pontilham as orelhas, nomeando cada pedra. Bree, Tramy, Shade, Kilorn. Irmãos de sangue e vínculo. Três vivos, um fantasma. Quem me dera ter um brinco igual ao que dei a Gisa, de modo a poder ter um pedaço dela também. Sonho com ela às vezes. Nada concreto, mas lampejos do seu rosto, o cabelo vermelho e escuro como sangue derramado. As suas palavras assombram-me como nada mais. *Um dia hão de vir e levar tudo o que tens.* Estava certa.

Não há espelhos, nem mesmo na casa de banho. Mas eu sei o que este lugar me está a fazer. Apesar das refeições fartas e da falta de exercício, sinto o rosto mais magro. Os ossos sobressaem-me da pele, mais aguçados que nunca à medida que definho. Não há muito mais que fazer além de dormir ou ler um dos volumes sobre o código tributário de Nortá, mas, todavia, a exaustão faz-se sentir desde há uns dias. Equimoses florescem a cada toque. E sinto o colar a arder embora passe os dias com frio, a tremer. Bem pode ser uma febre. Bem posso estar a morrer.

Não que tenha alguém a quem contar. Mal falo já ao longo dos dias. A porta abre-se para entrar comida e água, para a mudança de carcereiros e nada mais. Nunca vejo uma camareira ou um serviçal Vermelho, embora devam existir. Em vez disso, os Arven recolhem refeições, roupas de cama

e banho, vestuário, depositados no exterior, trazendo-os para dentro para meu uso. E depois limpam tudo, com caretas por levarem a cabo tarefas tão vis. Suponho que seja demasiado perigoso deixar entrar um Vermelho no meu quarto. O pensamento faz-me sorrir. Então a Guarda Escarlate ainda é uma ameaça, o suficiente para justificar tão rígido protocolo que nem mesmo serviços são permitidos na minha presença.

Mas lá está, parece que mais ninguém é. Não vem mais ninguém embasbacar-se ou regozijar-se com a rapariga-relâmpago. Nem mesmo Maven.

Os Arven não falam comigo. Não me dizem os seus nomes. Pelo que lhos atribuo eu. A Gatinha, a mulher mais velha e mais pequena que eu, com rosto minúsculo e olhos vivos e argutos. O Ovo, de cabeça redonda, branca e calva como os restantes guardas seus companheiros. O Trio tem três linhas tatuadas pelo pescoço abaixo, qual deslizar de perfeitas garras. E a Trevo de olhos verdes, uma rapariga com cerca da minha idade, inabalável nos seus deveres. Ela é a única que ousa fixar-me nos olhos.

Quando primeiro constatei que Maven me queria de volta, contava com dor, ou escuridão, ou ambas. Acima de tudo contava vê-lo e suportar o meu tormento sob os seus olhos flamejantes. Mas nada recebo. Não desde o dia em que cheguei e fui forçada a ajoelhar. Ele disse-me então que poria o meu corpo em exibição. Mas não vieram carrascos nenhuns. Nem tão-pouco os *whispers*, homens como Samson Merandus e a rainha morta, para me abrirem à força a cabeça e desbobinarem os meus pensamentos. Se é esta a minha punição, bem enfadonha é. Maven não tem imaginação.

Há ainda as vozes na minha cabeça, e tantas, demasiadas memórias. Cortantes como gumes de lâminas. Tento embrutecer a dor com livros ainda mais embrutecedores, mas as palavras pairam-me diante dos olhos, as letras reordenando-se até nada mais ver que os nomes daqueles que deixei para trás. Os vivos e os mortos. E sempre, em todo o lado, Shade.

Ptolemus pode ter matado o meu irmão, mas fui eu que pus Shade no seu caminho. Porque fui egoísta, julgando-me alguma espécie de salvadora. Porque, uma vez mais, depus a minha esperança em alguém em quem não devia e negociei vidas como um apostador que joga cartas. *Mas libertaste uma prisão. Libertaste tanta gente — e salvaste Julian.*

Fracos pensamentos, mais fraca ainda consolação. Sei agora qual foi o custo da Prisão de Corros. E cada dia admito o facto de que, se me fosse dado escolher, não o pagaria de novo. Nem por Julian, nem por uma centena de sanguenovos vivos. Não salvaria qualquer deles com a vida de Shade.

E foi tudo igual no fim. Maven pedia-me que regressasse há meses, implorando a cada nota manchada de sangue. Esperava comprar-me com cadáveres, com os corpos dos mortos. Mas eu achava que não havia troca que fizesse, nem mesmo por mil vidas inocentes. Tomara agora ter feito o que ele pedia há muito tempo. Antes de ele pensar em vir por aqueles de quem verdadeiramente gosto, sabendo que os salvaria. Sabendo que Cal, Kilorn, a minha família, eram a única troca que estava disposta a negociar. Pelas suas vidas, tudo dei.

Aposto que ele sabe fazer melhor que torturar-me. Mesmo com o sonador, uma máquina feita para usar os meus relâmpagos contra mim, para me desfazer, nervo a nervo.

A minha agonia é inútil para ele. A sua mãe ensinou-o bem. O meu único conforto é saber que o jovem rei está sem a sua vil marionetista. Enquanto sou mantida aqui, vigiada dia e noite, ele está sozinho à cabeça de um reino, sem Elara Merandus para lhe guiar a mão e lhe proteger a retaguarda.

Já passou um mês desde que respirei ar puro, e quase igual tempo desde que vi alguma coisa que não o interior do meu quarto e a estreita vista que a minha única janela proporciona.

A janela dá para um jardim interior, mais que morto no final do outono. O seu arvoredo está retorcido por mãos de *greenwardens*³. Em folha, deve parecer maravilhoso: uma verdejante coroa de flores com ramos incrivelmente espiralados. Mas nus, os nodosos carvalhos, ulmeiros e faias recurvam-se em garras, os seus dedos secos e mortos raspando uns contra os outros como ossos. O pátio está abandonado, esquecido. Tal como eu.

Não, rosno para comigo própria.

Os outros virão por mim.

Ouso ter esperança. Sinto um baque no estômago de cada vez que a porta se abre. Por um momento, conto ver Cal ou Kilorn ou Farley, talvez a Babá com a cara de outra pessoa. Até mesmo o Coronel. Agora choraria ao ver o seu olho escarlate. Mas não vem ninguém. Ninguém aí vem por mim.

É cruel dar esperança onde nenhuma deve existir.

E Maven sabe-o.

Quando o Sol se põe no trigésimo primeiro dia, percebo o que intenta ele fazer.

Quer que eu definhe. Que murche. Que seja esquecida.

Lá fora, no jardim interior de ossos, uma neve precoce paira em flocos

³ Guardiães verdes. (N. da T.)

nascidos de um céu cinzento-ferro. O vidro está frio ao toque, mas recusa-se a congelar.

Também eu recusarei.

A neve lá fora está perfeita à luz matinal, uma crosta branca revestindo árvores nuas. À tarde terá derretido. Pelas minhas contas, estamos a 11 de dezembro. Um tempo frio, cinzento e morto no eco entre o outono e o inverno. A verdadeira neve não se fará sentir em força antes do mês que vem.

Lá em casa costumávamos saltar do alpendre durante os nevões, mesmo depois de Bree ter partido a perna ao aterrar numa pilha de lenha soterrada. Custou a Gisa o salário de um mês para o pôr bom, e eu tive de roubar a maior parte dos suprimentos de que o nosso pretenso médico precisou. Foi no inverno antes de Bree ser recrutado, a última vez em que toda a família esteve junta. A última vez. Para sempre. Nunca mais estaremos todos de novo.

A Mamã e o Papá estão com a Guarda. Gisa e os meus irmãos vivos também. *Estão a salvo. Estão a salvo. Estão a salvo.* Repito as palavras como faço todas as manhãs. São um conforto, ainda que possa não ser verdade.

Devagar, empurro para longe o meu prato de pequeno-almoço. A agora familiar refeição de papa de aveia açucarada, fruta e torrada não me traz qualquer conforto.

— Acabei — digo por hábito, sabendo que ninguém responderá.

A Gatinha já está ao meu lado, desdenhando a comida deixada a meio. Pega no prato como se fosse um inseto, sustendo-o à largura de um braço para o levar para a porta. Levanto rapidamente os olhos, esperando um único vislumbre da antecâmara lá fora. Como sempre, está vazia, e o coração cai-me aos pés. Ela pousa sonoramente o prato no chão, talvez partindo-o, mas não é problema seu. Algum serviçal limpará os estragos. A porta fecha-se atrás dela e a Gatinha regressa ao seu assento. Trio ocupa a outra cadeira, de braços cruzados, olhos sem pestanejar fitos no meu tronco. Posso sentir a sua aptidão e a dela. Sinto como que um cobertor apertado à minha volta, mantendo os meus relâmpagos presos e escondidos, bem longe num lugar onde nem posso sonhar ir. Dá-me ganas de arrancar a minha própria pele.

Odeio-o. Odeio-o.

O-dei-o.

Pás.

Atiro o copo de água contra a parede em frente, deixando que se quebre e estilhace contra a horrível pintura cinzenta. Nenhum dos meus guardas se retrai sequer. Estou sempre a fazer isto.

E ajuda. Por um minuto. Talvez.

Sigo o programa do costume, que desenvolvi ao longo do último mês de cativeiro. Acordo. Imediatamente o lamento. Recebo o pequeno-almoço. Perco o apetite. Deixo que me levem a comida. Imediatamente o lamento. Atiro água. Imediatamente o lamento. Desfaço a cama. Rasgo talvez os lençóis, às vezes aos gritos. Imediatamente o lamento. Tento ler um livro. Olho pela janela. Olho pela janela. Recebo o almoço. Repito.

Sou uma rapariga muito ocupada.

Ou calculo que deva dizer mulher.

Dezoito é a divisão arbitrária entre a menoridade e a maioridade. E eu completei dezoito anos há umas semanas. A 17 de novembro. Não que alguém soubesse ou tenha dado por isso. Duvido que os Arven se interessem com o facto de a pessoa a seu cargo estar um ano mais velha. Só uma pessoa neste palácio-prisão se ralaria. E ele não me visitou, para meu alívio. É a única bênção no meu cativeiro. Enquanto aqui estou presa, rodeada pelas piores pessoas que alguma vez conhecerei, não tenho de suportar a sua presença.

Até hoje.

O absoluto silêncio à minha volta estilhaça-se, não com uma explosão mas com um clique. O familiar rodar da fechadura da porta. Fora de horas, sem justificação. A minha cabeça dardeja ao som, tal como as dos Arven, a sua concentração quebrando-se de surpresa. As minhas veias enchem-se de adrenalina, impulsionada pelo meu coração que subitamente se põe a batucar. Por uma fração de segundo, ousa ter esperança de novo. Sonho com quem poderá estar do outro lado da porta.

Os meus irmãos. Farley. Kilorn.

Cal.

Quero que seja Cal. Quero que o seu fogo consuma este lugar e toda esta gente.

Mas o homem postado do outro lado não é alguém que eu reconheça. Só o seu vestuário é familiar — uniforme negro, detalhes prateados. Um oficial de Segurança, sem nome nem importância. Ele entra na minha prisão, mantendo a porta aberta com as costas. Mais da sua laia estão juntos do outro lado da porta, obscurecendo a antecâmara com a sua presença.

Os Arven põem-se em pé de um salto, tão surpreendidos como eu.

— O que estão a fazer? — desdenha Trio. É a primeira vez que oiço a sua voz.

A Gatinha faz o que foi treinada a fazer, interpondo-se entre mim e o oficial. Outra explosão de silêncio abate-se sobre mim, alimentado pelo seu medo e confusão. Rebenta como uma onda, consumindo os pedacinhos de força que ainda me restam. Permaneço enraizada na cadeira, abominando a ideia de me ir abaixo diante de outras pessoas.

O oficial de Segurança nada diz, fitando o chão. Esperando.

Ela entra em resposta, num vestido feito de agulhas. O seu cabelo prateado foi penteado e entrançado com pedras preciosas, no modelo da coroa que ela anseia por usar. Estremeço ao vê-la, perfeita e fria e aguçada, uma rainha de porte se não ainda de título. Porque ela não é ainda rainha. Posso vê-lo.

— Evangeline — murmuro, tentando ocultar o tremor da minha voz, tanto de medo como de desuso. Os seus olhos negros percorrem-me com toda a ternura de um chicote a estalar. Da cabeça aos pés e de volta, reparando em cada imperfeição, cada fraqueza. Sei que são muitas. Finalmente o seu olhar fixa-se no meu colar, avaliando as aguçadas arestas de metal. O seu lábio recurva-se de repulsa, e igualmente fome. Quão fácil lhe seria esmagar, cravar-me as pontas do colar na garganta e fazer-me esvair em sangue.

— Senhora Samos, não lhe é permitido entrar aqui — diz a Gatinha, ainda postada entre nós. Surpreendo-me com a sua ousadia.

Os olhos de Evangeline tremulam para a minha guarda, o seu sorriso de desdém rasgando-se. — Pensa que eu desobedeceria ao rei, meu noivo? — Força uma risada fria. — Estou aqui por ordens suas. Ele ordena a presença da prisioneira na corte. Já.

Cada palavra é um ferrão. Um mês de prisão parece de súbito por de mais curto. Uma parte de mim quer agarrar-se à mesa e forçar Evangeline a arrastar-me para fora da minha jaula. Mas nem mesmo o isolamento quebrou o meu orgulho. Ainda não.

Nunca, recordo a mim mesma. Pelo que me ergo sobre as pernas fracas, com articulações doloridas, mãos trémulas. Há um mês ataquei o irmão de Evangeline com pouco mais que os meus dentes. Tento congregar o máximo que posso desse fogo, nem que seja para me ter de pé, direita.

A Gatinha mantém-se no lugar, imóvel. A sua cabeça vira-se para Trio, olhando o primo nos olhos. — Não nos foi dito nada. Este não é o protocolo.

Evangeline ri-se de novo, mostrando os dentes brancos e resplandecentes. O seu sorriso é belo e violento como uma lâmina. — Está a dizer-me que não, Guarda Arven? — Ao falar, leva as mãos ao vestido, passando a pele imaculadamente branca pela floresta de agulhas. Pedacos dele colam-se-lhe como ímanes, providenciando-lhe um punhado de espigões. Esconde na mão as magnetizantes lascas de metal, paciente, expectante, com uma sobrancelha erguida. Os Arven são suficientemente avisados para estenderem o seu esmagador silêncio a uma filha Samos, quanto mais à futura rainha.

O par troca olhares sem palavras, avaliando claramente cada lado da pergunta de Evangeline. Trio franze o sobrolho, de olhar fulgurante, e finalmente a Gatinha solta um sonoro suspiro. Afasta-se. Recua.

— Uma escolha que não esquecerei — murmura Evangeline.

Sinto-me exposta diante dela, só ante os seus olhos perfurantes não obstante o olhar dos outros guardas e oficiais. Evangeline conhece-me, sabe o que sou, o que posso fazer. Quase a matei na Taça de Ossos, mas ela fugiu, com medo de mim e dos meus relâmpagos. Agora não tem certamente medo.

Deliberada, dou um passo em frente. Direita a ela. Direita ao bem-aventurado vazio que a rodeia, dando espaço à sua aptidão. Outro passo. Para o espaço de liberdade, para a eletricidade. Senti-la-ei imediatamente? Voltará num jorro de supetão? Só pode. Tem de voltar.

Mas o desdém dela dilui-se num sanguíneo sorriso. Dá um passo como eu, movendo-se para trás, e quase solto um rosnido. — Não tão depressa, Barrow.

É a primeira vez que ela profere o meu verdadeiro nome.

Estala os dedos, apontando para a Gatinha. — Tragam-na.

Arrastam-me como fizeram no primeiro dia em que cheguei, acorrentada ao colar, a minha trela bem presa no punho cerrado da Gatinha. O silêncio dela e de Trio permanece, rufando-me como um tambor no crânio. A longa caminhada pelo Fogo Branco parece-me quilómetros de *sprint*, embora avancemos a passo tranquilo. Tal como antes, não estou vendada. Não se dignam tentar confundir-me.

Reconheço cada vez mais o espaço à medida que nos aproximamos do nosso destino, percorrendo passagens e galerias que explorei livremente há toda uma vida. Então não senti necessidade de as memorizar. Agora faço todo o possível por delinear o palácio na minha cabeça. Certamente que

precisarei de saber o seu traçado se alguma vez planear sair daqui viva. O meu quarto dá para leste, e situa-se no quinto piso; isso sei eu pela contagem de janelas. Lembro-me de que o Fogo Branco tem a forma de quadrados interligados, com cada ala rodeando um pátio como aquele que se vê do meu quarto. A vista para lá das janelas altas em arco muda a cada passagem. Um jardim interior, a Praça de César, as longas expansões do pátio de treinos em que Cal fazia exercícios com os seus soldados, as muralhas distantes e a reconstruída Ponte de Archeon mais além. Graças sejam dadas, não passamos pela zona residencial onde encontrei o diário de Julian, onde vi Cal enraivecendo-se e Maven maquinando silenciosamente. Fico surpreendida com a quantidade de recordações que o resto do palácio contém, a despeito do curto tempo que aqui passei.

Ladeamos um bloco de janelas num patamar, dando para oeste para lá das casernas para o Rio Capital e a outra metade da cidade mais além. A Taça de Ossos aninha-se entre os edifícios, a sua forma maciça por de mais familiar. Conheço esta vista. Estive postada diante destas janelas com Cal. Menti-lhe, sabendo que iria ter lugar um ataque nessa noite. Mas não sabia o que isso nos faria. Cal sussurrou então que desejaria que as coisas fossem diferentes. Eu partilho o lamento.

Deve haver câmaras a seguir o nosso progresso, embora não consiga já senti-las. Evangeline nada diz quando descemos ao piso principal do palácio com os seus oficiais a reboque, um bando militar de pássaros negros em torno de um cisne de metal. De algures soa um eco de música. Pulsante como um coração inchado e pesado. Nunca ouvi tal música, nem mesmo no baile a que compareci ou durante as lições de dança de Cal. Tem vida própria, algo obscuro e retorcido e curiosamente convidativo. À minha frente, os ombros de Evangeline empertigam-se com o som.

O piso da corte está estranhamente vazio, com apenas uns quantos guardas postados ao longo das passagens. Guardas, não Sentinelas, que estarão com Maven. Evangeline não vira à direita, como conto que faça, para entrar na sala do trono através das grandiosas portas arqueadas. Em vez disso avança decidida para diante, com todos nós a reboque, entrando firmemente noutra sala que conheço sobremaneira bem.

A câmara do conselho. Um perfeito círculo de mármore e madeira polida e brilhante. Há assentos ao longo das paredes, e o selo de Norta, a Coroa Flamejante, domina o chão ornamentado. Vermelho e negro e prateado real, com pontas de explosivas chamas. Quase tropeço ao vê-lo, e tenho de fechar os olhos. A Gatinha puxar-me-á através da divisão, não

tenho dúvidas disso. Deixá-la-ei de bom grado arrastar-me se isso significar que não tenho de ver mais nada deste lugar. Walsh morreu aqui, lembro-me. O seu rosto lampeja-me atrás das pálpebras. Foi caçada como um coelho. E foram lobos que a apanharam — Evangeline, Ptolemus, Cal. Capturaram-na nos túneis debaixo de Archeon, a cumprir ordens dadas pela Guarda Escarlata. Deram com ela, arrastaram-na para aqui, apresentaram-na diante da Rainha Elara para interrogatório. Não chegou a tanto. Porque Walsh se matou. Engoliu uma pílula assassina diante de todos nós, para proteger os segredos da Guarda Escarlata. Para me proteger.

Quando o volume da música triplica, abro os olhos de novo.

A câmara do conselho foi-se, mas a visão diante de mim é de algum modo pior.

CAPÍTULO TRÊS



Mare

A música dança no ar, cortada pelo travo doce e enjoativo do álcool que permeia cada centímetro da magnífica sala do trono. Saímos para um patamar elevado uns pés acima do chão, providenciando uma ampla vista da estridente festa — e uns momentos antes de alguém se aperceber de que ali estamos.

Os meus olhos rodam de um lado para o outro, nervosa, à defesa, buscando cada rosto e cada sombra de oportunidade, ou de perigo. Seda e pedras preciosas e belas armaduras bruxuleiam à luz de uma dúzia de candelabros, criando uma constelação humana que ondula e volteia no chão de mármore. Após um mês de aprisionamento, a visão é um assalto aos meus sentidos, mas sorvo-a sequiosa, uma rapariga faminta. Tantas cores, tantas vozes, tantos familiares senhores e senhoras. Por agora não se dão conta de mim. Os seus olhos não me seguem. O seu foco está uns nos outros, nas suas taças de vinho e licor multicolorido, no ritmo ansioso, no fumo fragrante que se evola no ar. Isto deve ser uma celebração, uma desenfreada celebração, mas de quê não faço ideia.

Naturalmente, a minha mente voa. Terão obtido outra vitória? Contra Cal, contra a Guarda Escarlata? Ou aclamarão ainda a minha captura?

Um olhar a Evangeline é resposta suficiente. Nunca a vi fazer tal carranca, nem mesmo para mim. O seu desdém felino põe-se feio, zangado, pleno de raiva como não posso imaginar. Os seus olhos escurecem, cambiando ante a exibição. São negros como um abismo, engolindo a visão da sua gente num estado de derradeira bem-aventurança.

Ou, apercebo-me, de ignorância.

Ao comando de alguém, uma enxurrada de serviçais Vermelhos avança da parede do fundo e dá entrada na câmara em formação ensaiada. Carregam bandejas de cálices de cristal com líquido semelhante à luz de estrelas de rubi, ouro, diamante. Quando por fim chegam ao lado oposto da multidão, as suas bandejas estão vazias e são rapidamente reabastecidas. Outra passagem, e as bandejas de novo se esvaziam. Como alguns dos Prateados ainda se têm de pé, não faço ideia. Continuam na sua folia, conversando ou dançando com as mãos em garra em torno das suas taças. Uns quantos dão baforadas em intrincados cachimbos, soprando no ar fumo curiosamente colorido. Não cheira a tabaco, que muitos dos anciãos das Stilts⁴ ciosamente arrebanham. Observo as faíscas nos cachimbos com inveja, cada qual uma alfinetada de luz.

Pior é a visão dos serviçais, os Vermelhos. Dói-me vê-los. O que não daria para tomar o seu lugar. Para ser apenas uma serviçal em vez de uma prisioneira. *Estúpida*, ralho comigo própria. *Eles são tão prisioneiros como tu. Tal como todos os da tua espécie. Presos sob uma bota prateada, embora alguns tenham mais espaço para respirar.*

Por causa dele.

Evangeline desce do patamar e os Arven forçam-me a segui-la. Os degraus conduzem-nos diretamente à tribuna, outra elevada plataforma suficientemente alta para denotar a sua irrevogável importância. E, claro está, uma dúzia de Sentinelas encontra-se postada em cima dela, mascarada e armada, aterrorizadora em cada pormenor.

Conto ver os tronos de que me lembro. Flamas de vidro de diamante para o assento do rei, safira e ouro branco polido para o da rainha. Em vez disso, Maven está sentado no mesmo tipo de trono do qual o vi erguer-se há um mês, quando me seguiu acorrentada diante do mundo.

Nem gemas, nem metais preciosos. Apenas lajes de pedra cinzenta com arabescos de algo reluzente, de arestas planas e brutalmente destituído de insígnias. Parece frio ao toque e desconfortável, para não dizer terrivelmente pesado. Diminuí-o, fazendo-o parecer mais novo e mais pequeno do que nunca. Parecer poderoso é ser poderoso. Uma lição que aprendi com Elara, embora de algum modo Maven não o tenha feito. Parece o rapaz que é, vincadamente pálido no seu uniforme negro, a única cor nele o forro vermelho-sangue da capa, um motim de medalhas prateadas e o azul arrepiante dos seus olhos.

⁴ A aldeia de Mare com casas sobre estacas, ou *stilts*. (N. da T.)

O Rei Maven da Casa Calore cruza o olhar com o meu no momento em que me sabe ali.

O instante paira, suspenso de um fio de tempo. Uma ravina de distrações abre-se escancarada entre nós, cheia de buliçoso ruído e elegante caos, mas a sala bem podia estar vazia.

Interrogo-me se ele reparará na diferença em mim. No mal-estar, na dor, na tortura a que a minha silenciosa prisão me sujeitou. Só pode. Os seus olhos resvalam dos meus mais que pronunciados males para o meu colar, até ao fluido vestido branco com que me vestiram. Não estou a sangrar desta vez, mas tomara estar. Para mostrar a toda a gente o que sou, o que sempre fui. Vermelha. Maltratada. Mas viva. Tal como fiz diante da corte, diante de Evangeline uns minutos antes, endireito a espinha, e fito-o com toda a força e acusação que tenho para dar. Avalio-o bem, procurando as brechas que só eu posso ver. Olhos ensombrados, mãos inquietas, postura tão rígida que a sua espinha parece a ponto de se estilhaçar.

És um assassino, Maven Calore, um cobarde, uma fraqueza.

Resulta. Ele arranca os olhos de mim e levanta-se de um salto, ambas as mãos agarrando ainda os braços do seu trono. A sua fúria abate-se como um golpe de martelo.

— Explique-se, Guarda Arven! — insurge-se contra o carcereiro mais próximo de mim.

Trio dá um salto.

A explosão faz parar a música, a dança e a farra num pulsar de coração.

— S-Senhor... — gagueja Trio, e uma das suas mãos enluvadas agarra-me o braço. A sua mão sangra silêncio, o bastante para me fazer abrandar o coração. Ele tenta encontrar uma explicação que não faça recair a culpa em cima dele, nem da futura rainha, mas sem grande sucesso.

A minha corrente treme na mão da Gatinha, mas ela não deixa de me segurar com força.

Só Evangeline não se deixa afetar pela ira do rei. Já contava com aquela reação.

Não foi ele que lhe ordenou que me trouxesse. Não houve qualquer convocação.

Maven não é tolo. Acena com uma mão para Trio, pondo fim ao seu balbuciar com um único movimento. — A tua débil tentativa é resposta bastante — diz. — O que tem a dizer por si, Evangeline?

Na multidão, o pai dela ergue-se altaneiro, observando com olhos bem abertos e severos. Outro qualquer porventura lhe chamaria temeroso, mas

não me parece que Volo Samos tenha capacidade de sentir emoção. Afaga simplesmente a sua pontiaguda barba prateada, com uma expressão indecifrável. Ptolemus não é tão dotado para ocultar os seus pensamentos. Está postado na tribuna com os Sentinelas, o único desprovido de fogosas vestes ou de máscara. Conquanto o seu corpo esteja imóvel, os olhos dardejaram entre o rei e a sua irmã, e um punho cerra-se-lhe lentamente. *Bom. Teme por ela como eu temi pelo meu irmão. Vê-a sofrer como eu o vi morrer.*

Porque, o que mais pode Maven fazer agora? Evangeline desobedeceu deliberadamente às suas ordens, aproveitando-se das concessões que o seu noivado lhe dá. Se é que eu sei alguma coisa, sei que fazer zangar o rei é ser-se punido. E fazê-lo aqui, diante de toda a corte? Ele bem pode executá-la ali mesmo onde está.

Se Evangeline pensa que corre risco de morte, não o demonstra. A voz não lhe falha nem vacila. — Ordenou que a terrorista fosse aprisionada, fechada como uma inútil garrafa de vinho, e após um mês de deliberação de conselho não houve acordo quanto ao que fazer-se com ela. Os seus crimes são muitos, dignos de uma dúzia de mortes, de um milhar de vidas nas nossas piores cadeias. Ela matou ou mutilou centenas dos seus súbditos desde que foi descoberta, incluindo os seus próprios pais, e descansa ainda assim num confortável quarto, comendo, respirando... viva e sem a punição que merece.

Maven é bem filho da sua mãe, e a sua fachada de cortesão é quase perfeita. As palavras de Evangeline não parecem incomodá-lo minimamente.

— A punição que merece — repete. Depois olha pela sala, um canto do queixo erguido. — Portanto aqui a trouxe. Realmente, são as minhas festas assim tão más?

Um vibrar de riso, simultaneamente genuíno e forçado, ondulações através da multidão extasiada. Na sua maioria estão bêbedos, mas restam suficientes cabeças frias para saberem o que se passa. O que Evangeline fez.

Evangeline esboça um sorriso cortês, aparentemente tão penoso que quase conto ver os seus lábios desatarem a sangrar pelos cantos. — Bem sei que estais desgostoso pela vossa mãe, Vossa Majestade — diz ela sem um laivo de compaixão. — Como estamos todos. Mas o vosso pai não agiria assim. O tempo das lágrimas acabou.

As últimas palavras não são suas, mas de Tiberias Sexto. O pai de Maven, o fantasma de Maven. A sua máscara ameaça deslizar-lhe por um momento e os olhos lampejam em partes iguais de pavor e raiva. Recordo essas palavras tão bem como ele. Proferidas ante uma multidão exatamente

como esta, no rescaldo da execução de alvos políticos levada a cabo pela Guarda Escarlata. Alvos escolhidos por Maven, induzido pela sua mãe. Nós fizemos o seu trabalho sujo, enquanto eles aumentavam o cômputo de corpos com um atroz ataque de sua autoria. Usaram-me, usaram a Guarda para eliminar alguns dos seus inimigos e demonizar outros de uma assentada. Destruíram mais, mataram mais do que qualquer de nós alguma vez desejou.

Ainda posso sentir o cheiro do sangue e do fumo. Ainda posso ouvir uma mãe chorar sobre os seus filhos mortos. Ainda posso ouvir as palavras atribuindo tudo à rebelião.

— Força, poder, morte — murmura Maven, os seus dentes batendo uns nos outros. As palavras assustaram-me então e aterrorizam-me agora. — O que sugere, minha senhora? Decapitação? Um esquadrão de fuzilamento? Desmembramo-la, pedaço a pedaço?

O coração galopa-me no peito. Permitiria Maven tal coisa? Não sei. Não sei o que faria ele. Tenho de me recordar, nem sequer o conheço. O rapaz que julguei que era não passava de uma ilusão. Mas as notas, brutalmente deixadas, mas plenas de rogos para eu regressar? O mês de calmo, gentil cativo? Talvez fossem falsos também, mais um truque para me enrolar. Outra espécie de tortura.

— Fazemos como a lei requer. Como vosso pai teria feito.

A forma como ela diz *pai*, proferindo a palavra tão brutalmente como usaria uma faca, é confirmação suficiente. Tal como tanta gente na sala, ela sabe que Tiberias Sexto não acabou como dizem as histórias.

Ainda assim, Maven agarra-se ao seu trono, firmando as mãos de nós exangues nas lajes cinzentas. Olha de relance a corte, sentindo os seus olhos postos nele, antes de se dirigir desdenhoso para Evangeline. — Não só não sois membro do meu conselho, como não conhecestes o meu pai suficientemente bem para achardes que entendeis a sua mente. Eu sou um rei como ele foi, e compreendo as coisas que têm de ser feitas para a vitória. As nossas leis são sagradas, mas travamos agora duas guerras.

Dois guerras.

Sou tão rapidamente inundada de adrenalina que penso que os meus relâmpagos regressaram. Não, não relâmpagos. Esperança. Mordo o lábio para me impedir de sorrir desarmada. Semanas depois da minha captura a Guarda Escarlata continua, e viceja. Não só lutam ainda, como Maven o admite abertamente. São já impossíveis de ocultar ou descartar.

Apesar da necessidade de saber mais, mantenho a boca fechada.

Maven trespassa Evangeline com um olhar flamejante. — Nenhum prisioneiro inimigo, especialmente um tão valioso como Mare Barrow, deve ser desperdiçado em comum execução.

— Não deixais de desperdiçá-la ainda assim! — alega Evangeline, disparando de volta tão rapidamente que sei que deve ter ensaiado este argumento. Dá uns passos mais em frente, percorrendo a distância entre ela e Maven. Parece tudo um espetáculo, um teatro, algo representado na tribuna e testemunhado pela corte. Mas em benefício de quem? — Ela está a apanhar pó, nada fazendo, nada nos dando, enquanto Corvium está a arder!

Outra joia de informação para reter. *Mais, Evangeline. Dá-me mais.*

Vi a cidade-fortaleza, o coração do poder militar de Nortá, irromper em motins há um mês com os meus próprios olhos. Assim continua. A menção a Corvium serena a multidão. Isso não escapa a Maven, que luta por manter a calma.

— O conselho está a dias de tomar uma decisão, minha senhora — diz por entre os dentes cerrados.

— Perdoai a minha ousadia, Vossa Majestade. Bem sei que desejais honrar o vosso conselho o melhor que podeis, mesmo as suas partes mais fracas. Mesmo os cobardes que não conseguem fazer o que deve ser feito. — Um passo mais perto e a sua voz abranda para um ronronar. — Mas vós sois o rei. A decisão é vossa.

Magistral, constato. Evangeline é tão adepta de manipulação como outro qualquer. Em poucas palavras, não só salvou Maven de parecer fraco como o forçou a seguir a vontade dela para manter uma imagem de força. Contra minha vontade, inspiro ansiosa. Acederá ele ao seu rogo? Ou recusará, lançando combustível na fogueira de insurreição que incendeia já as Altas Casas?

Maven não é tolo. Entende o que Evangeline está a fazer e mantém-se focado nela. Sustém o olhar um do outro, comunicando com sorrisos forçados e olhos penetrantes.

— A Prova da Rainha certamente trouxe à luz a mais talentosa filha — diz ele, tomando-lhe a mão. Parecem ambos desgostados com a ação. A cabeça dele dardejia para a multidão, olhando para um homem esguio de azul-escuro. — Primo! A sua petição de interrogatório é concedida.

Samson Merandus põe-se em sentido de um salto e emerge da multidão, de olhar perspicaz. Faz uma vénia, quase se abrindo num sorriso rasgado. Vestes azuis ondeiam, escuras como fumo. — Obrigado, Vossa Majestade.

— Não.

A palavra sai-me de repelão.

— Não, Maven!

Samson move-se rapidamente, subindo à tribuna com fúria controlada. Percorre a distância entre nós em poucos passos determinados, até que os seus olhos são a única coisa no meu mundo. Olhos azuis, os olhos de Elara, os olhos de Maven.

— Maven! — arquejo de novo, implorando, ainda que de nada sirva. Implorando ainda que me fira o orgulho pensar que lhe peço alguma coisa. Mas o que mais há a fazer? Samson é um *whisper*. Destruir-me-á de dentro para fora, vasculhará tudo o que sou, tudo o que sei. Quantas pessoas morrerão devido ao que eu vi? — Maven, por favor! Não o deixes fazê-lo!

Não sou suficientemente forte para arrancar a mão da Gatinha da minha corrente, ou mesmo debater-me grande coisa quando Trio me agarra os ombros. Ambos me sustentam no lugar com facilidade. Os meus olhos lampejam de Samson para Maven. Com uma mão no seu trono, outra na mão de Evangeline. *Sinto a tua falta*, diziam as suas notas. Ele é indecifrável, mas pelo menos está a olhar.

Bom. Se não me salvar deste pesadelo quero que o veja a ter lugar.

— Maven — sussurro uma última vez, tentando soar como eu própria. Não como a rapariga-relâmpago, nem Mareena, a princesa perdida, mas Mare. A rapariga que ele olhou através das grades de uma cela e garantiu salvar. Mas essa rapariga não chega. Ele baixa os olhos. Olha para outro lado.

Estou sozinha.

Samson toma-me a garganta na mão, apertando acima do colar de metal, forçando-me a encarar os seus familiares e miseráveis olhos. Azuis como gelo e igualmente implacáveis.

— Fizeste mal em matar Elara — diz ele, não se dignando temperar as palavras. — Ela era uma cirurgiã de mentes.

Inclina-se para diante, esfomeado, um homem faminto prestes a devorar uma refeição.

— Eu sou um carnicero.

Quando o sonador me neutralizou, revolvi-me em agonia durante três longos dias. Uma tempestade de ondas de rádio virou a minha própria eletricidade contra mim. Ressoou-me pele adentro, chocalhando-me os nervos

como parafusos num frasco. Deixou cicatrizes. Linhas entrecortadas de carne branca pelo meu pescoço e espinha abaixo, coisas feias a que ainda não me acostumei. Provocam-me pontadas e repuxões em ângulos estranhos, tornando penosos movimentos benignos. Até os sorrisos estão maculados, menores no rasto do que me foi feito.

Agora imploraria por isso se pudesse.

O guincho de um sonador ao descascar-me e abrir-me seria o céu, uma bênção, uma mercê. Antes ser quebrada em osso e músculo, reduzida a dentes e unhas, toda eu obliterada, do que sofrer mais um segundo dos sussurros de Samson.

Posso senti-lo. A sua mente. Enchendo os meus recessos como decomposição ou podridão ou um cancro. Ele raspa-me o interior da cabeça com pele cortante e ainda mais cortantes intentos. Qualquer parte de mim não tomada pelo seu veneno contorce-se de dor. Dá-lhe gozo fazer-me isto. Esta é a sua vingança, afinal de contas. Pelo que eu fiz a Elara, seu sangue e sua rainha.

Ela foi a primeira lembrança que ele me sacou. A minha falta de remorsos incensou-o, e lamento-o agora. Quem me dera ter conseguido forçar alguma compaixão, mas a imagem da morte dela foi demasiado assustadora para muito mais do que choque. Recordo-a agora. Ele força-me a isso.

Num instante de dor cega, sugando-me para trás no tempo através das minhas recordações, dou comigo de volta ao momento em que a matei. A minha aptidão congrega relâmpagos do céu em linhas entrecortadas de um púrpura-esbranquiçado. Um atinge-lhe a cabeça, descendo-lhe em cascata aos olhos e boca, pelo pescoço e braços abaixo, dos dedos das mãos aos dedos dos pés e de volta. O suor na sua pele ferve em vapor, a carne carboniza-se até fumegar, e os botões do seu casaco põem-se vermelhos incandescentes, cauterizando tecido e pele. Ela sacode-se, arranhando-se, tentando livrar-se da minha fúria elétrica. As pontas dos seus dedos rasgam-se, expondo o osso, enquanto os músculos do seu belo rosto se põem frouxos, descaindo com o puxar inexorável de correntes em sobressalto. O cabelo branco-cinza arde e enegrece e ferve, desintegrando-se. E o cheiro. O som. Ela grita até as cordas vocais se desfazerem. Samson certifica-se de que a cena passe lentamente, a sua aptidão manipulando a memória esquecida até que cada segundo se grave a fogo na minha consciência. Um carneiro, deveras.

A sua raiva faz-me entrar em parafuso sem nada a que me agarrar, apanhada numa tempestade que não posso controlar. Tudo o que posso fazer

é rezar para não ver o que Samson procura. Tento deixar o nome de Shade fora dos meus pensamentos. Mas as muralhas que eu erijo pouco mais são que papel. Samson rasga-as alegremente. Sinto cada uma ser destruída, outra parte de mim mutilada. Ele sabe o que estou a tentar esconder dele, para nunca mais ser vivido. Persegue-me os pensamentos, mais veloz que o meu cérebro, ultrapassando cada débil tentativa de detê-lo. Tento gritar ou implorar, mas som algum me sai da boca ou da mente. Ele tudo contém na palma da mão.

— Demasiado fácil. — A sua voz ecoa em mim, à minha volta.

Tal como o fim de Elara, a morte de Shade é capturada em perfeito, doloroso detalhe. Tenho de reviver cada horrível segundo no meu próprio corpo, incapaz de fazer algo mais do que olhar, encurralada dentro de mim. Um travo de radiação impregna o ar. A Prisão de Corros fica na orla do Estuário, perto do ermo de devastação nuclear que forma a nossa fronteira meridional. Uma neblina fria envolve a manhã de uma mortalha contra uma alvorada pardacenta. Por um momento tudo se acalma, suspenso em equilíbrio. Olho fixamente, imóvel, petrificada em andamento. A prisão escancara-se nas minhas costas, estremecendo ainda com o motim que iniciámos. Prisioneiros e perseguidores escorrem como sangue dos seus portões. Seguindo-nos para a liberdade, ou um arremedo dela. Cal já se foi, o seu vulto familiar a cem metros de distância. Fiz que Shade saltasse com ele primeiro, para proteger um dos nossos únicos pilotos e nosso único modo de escapar. Kilorn ainda está comigo, petrificado como eu, a sua espingarda aninhada contra o ombro. Aponta para trás de nós, para a Rainha Elara, para os seus guardas e para Ptolemus Samos. Uma bala explode da boca da arma, nascida de faíscas e pólvora. Também ela paira no ar, esperando que Samson me liberte a mente. Lá no alto o céu redemoinha, pesado de eletricidade. O meu próprio poder. Só senti-lo me faria chorar se pudesse.

A memória começa a mexer-se, lentamente a princípio.

Ptolemus forja uma longa e reluzente agulha, além das muitas armas que já tem à mão. O gume perfeito brilha de sangue Vermelho e Prateado, cada gotícula uma pedra preciosa zunindo através do ar. A despeito da sua aptidão, Ara Iral não é suficientemente rápida para se esquivar do seu arco letal. Atravessa-lhe o pescoço num prolongado segundo. Ela cai a uns passos de mim, frouxamente, como que através de água. Ptolemus intenta matar-me no mesmo movimento, usando o ímpeto do seu golpe para rodar a agulha no meu coração. Em vez disso, depara-se com o meu irmão no caminho.

Shade salta de volta para nós, para me teletransportar e pôr a salvo.

O seu corpo materializa-se do nada: primeiro o seu peito e cabeça, depois as extremidades ganhando vida. Mãos estendidas, olhos focados, a sua atenção apenas em mim. Ele não vê a agulha. Não sabe que está prestes a morrer.

Não era intenção de Ptolemus matar Shade, mas não se importa de fazê-lo. Outro inimigo morto não faz diferença para ele. Apenas outro obstáculo na sua guerra, outro corpo sem nome nem rosto. Quantas vezes fiz eu o mesmo?

Ele provavelmente nem sequer sabe quem é Shade.

Era.

Sei o que vem a seguir, mas por mais que tente, Samson não me deixa fechar os olhos. A agulha perfura o meu irmão com graça impecável, através de músculo e órgão, sangue e coração.

Algo em mim explode e o céu responde. Quando o meu irmão tomba, também o faz a minha fúria. Mas não chego a sentir o seu agridoce libertar. Os relâmpagos não chegam a cair por terra, matando Elara e dispersando os seus guardas como deveriam. Samson não me permite essa pequena mercê. Em vez disso, rebobina a cena para trás. De novo ela se desenrola. De novo morre o meu irmão.

De novo.

De novo.

De cada vez ele força-me a ver algo mais. Um erro. Um passo em falso. Uma escolha que eu poderia ter feito para o salvar. Pequenas decisões. Pé ali, virar aqui, correr um bocadinho mais depressa. É tortura da pior espécie.

Olha o que fizeste. Olha o que fizeste. Olha o que fizeste.

A sua voz repercute-se a toda a minha volta.

Outras recordações estilhaçam a morte de Shade, visões sangrando umas nas outras. Cada uma representa um medo ou fraqueza diferente. Lá está o corpo minúsculo que encontrei em Templyn, um bebé Vermelho assassinado pelos caçadores de sanguenovos a mando de Maven. Num outro instante, o punho de Farley colide com o meu rosto. Ela grita coisas horríveis, culpando-me pela morte de Shade enquanto a sua própria angústia ameaça consumi-la. Lágrimas fumegantes correm pelas faces de Cal enquanto uma espada lhe treme na mão, a lâmina cravada no pescoço do pai. A precária sepultura de Shade em Tuck, só sob o céu outonal. Os oficiais Prateados que eu eletrocutei em Corros, em Harbor Bay⁵, homens

⁵ Baía do Ancoradouro. (N. da T.)

e mulheres que apenas cumpriam ordens. Não tinha escolha. Qualquer escolha.

Recordo todos os mortos. Toda a mágoa. A expressão no rosto da minha irmã quando um oficial lhe partiu a mão. Os nós dos dedos de Kilorn em sangue quando soube que ia ser recrutado. Os meus irmãos levados para a guerra. O meu pai retornando da frente reduzido a metade de homem em mente e corpo, exilando-se numa periclitante cadeira de rodas — e a toda uma vida separado de nós. Os olhos tristes da minha mãe quando me disse que tinha orgulho em mim. Uma mentira. Uma mentira agora. E finalmente a doentia dor, a vazia verdade que perseguiu cada momento da minha antiga vida — de que eu estava derradeiramente condenada.

Ainda estou.

Samson tudo isso percorre com abandono. Faz-me passar por inúteis lembranças, apenas congregadas para me infligir mais dor. Sombras saltam por entre os pensamentos. Movediças imagens por trás de cada doloroso momento. Samson rebobina-as a todas, demasiado depressa para que eu as abarque verdadeiramente. Mas capto o suficiente. O rosto do Coronel, o seu olho escarlate, os seus lábios formando palavras que não oiço. Mas que Samson ouve seguramente. É isto que ele procura. Informações sigilosas. Segredos que pode usar para esmagar a rebelião. Sinto-me como um ovo com a casca estalada, lentamente vertendo o meu conteúdo. Ele saca seja o que for que quer de mim. Não tenho sequer a capacidade de me sentir envergonhada com o que mais ele descobrir.

Noites passadas enroscada contra Cal. Forçando Cameron a juntar-se à nossa causa. Momentos roubados a reler as doentias notas de Maven. Memórias de quem julgava ser o príncipe esquecido. A minha cobardia. Os meus pesadelos. Os meus erros. Cada passo egoísta que dei e que me trouxe aqui.

Olha o que fizeste. Olha o que fizeste. Olha o que fizeste.

Maven tudo saberá não tarda.

Isto sempre foi o que ele quis.

As palavras, garatujadas na sua letra emaranhada, queimam-me os pensamentos.

Sinto a tua falta.

Até ao nosso reencontro.